Introdução

Shahd Wadi e Júlia Garraio

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1823>

DOI: 10.4000/eces.1823

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Shahd Wadi e Júlia Garraio, « Introdução », *e-cadernos CES* [Online], 22 | 2014, posto online no dia 01 dezembro 2014, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1823> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/eces.1823>

Introdução

*The camera is like a magic lantern that we embrace
to make our dreams come true. It is the tool we use
to reclaim our existence, memory, and humanity.*

Mai Masri (realizadora palestina), 2008

Quando, em 2011, decidimos organizar, em Coimbra e Lisboa, um ciclo de cinema e de debates sobre Mulheres Palestinianas e cinema, queríamos não só dar a conhecer ao público destas cidades uma cinematografia praticamente desconhecida, como também promover um debate sobre cinema, feminismo e a Palestina.

Esta iniciativa, intitulada “Mulheres palestinianas no cinema”, fez-nos perceber que o cinema não só é capaz de projetar um lar para o povo palestiniano que vive em exílio, mas igualmente de criar um espaço de encontro entre “o outro” e a memória, a história, a identidade e, sobretudo, as resistências palestinianas e a luta deste povo pela sua existência. Através de uma larga variedade de opções estéticas e de diferentes posições políticas, os filmes exibidos abordavam a dupla resistência das mulheres palestinianas, não só contra a ocupação israelita colonial e patriarcal, mas também contra a opressão da sua própria sociedade. Enquanto os média ocidentais tendem a retratá-las através de representações redundantes e simplistas, as lentes cinemáticas e as palavras das mulheres palestinianas tornaram-se nas suas próprias ferramentas de dizer e resistir às imagens que lhes foram impostas. Por outras palavras, o cinema tornou-se num mecanismo político para narrar histórias pessoais e coletivas de resistência.

O ciclo parecia-nos ainda mais urgente pelo facto de Portugal praticamente não ter acesso a essa cinematografia. Até ao momento, apenas um número muito reduzido de

filmes palestinos teve estreia comercial em Portugal,¹ tratando-se de obras que raramente tocam em assuntos feministas e que não são da autoria de mulheres.²

O ciclo foi, assim, um breve momento em que o público das cidades de Coimbra e Lisboa teve acesso a alguns filmes sobre a Palestina inéditos em Portugal. Entre eles contam-se obras de realizadoras palestinas, como a longa-metragem *Salt of this Sea* (2008) de Annemarie Jacir, e os documentários *Women in Struggle* (2004) e *Maria's Grotto* (2007), de Buthina Canaan Khourey. Foram ainda exibidas longas-metragens com guiões de escritoras palestinas, como *Lemon Tree* (2008) de Eran Riklis, a partir de um guião de Suha Arraf, e *Rana's Wedding* (2002) de Hany Abu-Assad, com guião de Liana Badr e Ihab Lamey. Durante a preparação do ciclo, o realizador de um dos filmes escolhidos, Juliano Mer-Khamis, foi assassinado.³ O seu documentário *Arna's Children* (2003) fala sobre uma mulher que, tendo sido colona sionista em 1948,⁴ veio a abraçar a causa palestina, tornando-se, também ela, a nosso ver, palestina. Assim, todos os filmes que fizeram parte do ciclo têm algo em comum: dizem a Palestina através do corpo e das experiências de mulheres.

Os vários filmes deram lugar a debates sobre diversas questões relacionados com o povo palestino, especialmente com as mulheres palestinas, que tendem a ser tratadas com ligeireza na cobertura mediática da ocupação israelita da Palestina: a memória da *Nakba*,⁵ o Muro de separação, a situação dos refugiados,⁶ a brutalidade da ocupação militar e da repressão israelitas, a confiscação e colonização das terras

¹ Entre os filmes palestinos com estreia comercial em Portugal, geralmente com um número muito limitado de cópias, figuram os seguintes: *Intervenção Divina* (2002) e *O tempo que resta* (2009), de Elia Suleiman, e *Paraíso agora* (2005) e *Omar* (2013), de Hany Abu-Assad. Apenas certos festivais de cinema e circuitos alternativos passaram outros títulos do cinema palestino.

² O único filme a estreiar no circuito comercial português que conta com uma protagonista palestina é *Miral* (2010), do realizador norte-americano Julian Schnabel, a partir do guião da escritora palestina Rula Jebreal.

³ O realizador foi assassinado por um homem mascarado, à porta do Teatro da Liberdade, que ele cofundara. O realizador, de pai palestino e mãe israelita, autodefinia-se como “100% palestino e 100% judeu”.

⁴ Fez parte do Palmach, milícia Sionista que participou na limpeza étnica da Palestina em 1948. Veja-se Pappe (2011).

⁵ *Nakba* é um termo árabe que significa “catástrofe”, sendo geralmente utilizado para referir o êxodo palestino, no contexto da destruição de mais de 530 cidades, vilas e aldeias palestinas e da expulsão de mais de dois terços da população palestina da sua terra. 774 cidades e vilas ficaram sob controlo das forças israelitas e muitas famílias foram forçadas a deixar as suas residências na Palestina. As atrocidades das forças israelitas incluíram mais de 70 massacres, com mais de 15 000 mortos. O dia de *Nakba* é o dia em que Israel anunciou a sua fundação. Na cultura palestina, este termo está ligado sobretudo à tristeza, a sentimentos de perda, traição e tragédia. Sobre a *Nakba*, ver, a título de exemplo: Pappe (2011); Sa'di e Abu-Lughod (2007).

⁶ O relatório do *Palestinian Central Bureau of Statistics* (UNRWA – The United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East, 2012, Statistics), disponível em <http://www.unrwa.org/>, mostra que 1,4 milhões de pessoas viviam na Palestina histórica, em 1948, das quais aproximadamente 800 000 foram expulsas da sua terra natal. Até 2012, 5,1 milhões de refugiados estavam registados na UNRWA – a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente. Trata-se apenas de uma estimativa que não representa o número certo de refugiados, dada a existência de muitos refugiados não registados, como as famílias que não são consideradas aptas a receber ajuda da UNRWA, ou as famílias que se tornaram refugiadas depois de 1948. Sobre a situação dos refugiados palestinos, ver, por exemplo: Schulz (2003).

palestinianas, os cercos e bloqueios que impedem a liberdade de movimento, a situação das pessoas palestinianas com cidadania israelita,⁷ a participação das mulheres na luta armada, as prisioneiras políticas e as suas experiências de tortura. Como convidados e convidadas para os debates tivemos jornalistas que estiveram várias vezes na região, ativistas, professores e professoras universitários, artistas e políticos.⁸

A riqueza dos debates levou-nos a ponderar uma publicação. Seguindo a ideia que deu origem ao ciclo de cinema, o presente número da *e-cadernos ces* pretende ser um ecrã palestino feminista que projeta reflexões sobre as mulheres palestinianas e o cinema. Acreditamos que os conceitos “Palestina”, “mulheres” e “cinema” estão sempre em construção e abertos a diferentes definições. Por isso, abrimos na altura o convite para contributos relacionados com as mulheres palestinianas e o cinema, no que incluímos reflexões sobre representações cinematográficas de mulheres palestinianas, críticas de filmes realizados por palestinianas ou, de uma maneira mais geral, sobre o lugar e o impacto das mulheres palestinianas no cinema. Este número é, assim, projetado como um espaço aberto à partilha de histórias, narrativas, ensaios, entrevistas, análises de filmes ou outras reflexões sobre as mulheres palestinianas e o cinema.

Reunimos um conjunto de seis estudos com abordagens muito distintas ao tema. Os textos de Colleen Jankovic, Shahd Wadi e Teresa Cunha integram-se no cinema realizado por mulheres palestinianas e têm as mulheres palestinianas por temática. Colleen Jankovic analisa as representações do lar em vários filmes para problematizar a noção de pertença, nação, privacidade e família num contexto de espoliação e ocupação. Igualmente, Shahd Wadi tenta redefinir, a partir da análise dos filmes *Salt of this Sea* (2008) e *Amreeka* (2009), o conceito de fronteira no exílio palestino através do corpo na experiência cinemática das mulheres palestinianas. Teresa Cunha utiliza uma abordagem feminista pós-colonial para ler, ver e ouvir *Maria's Grotto* (2007), documentário sobre os crimes de honra em que as mulheres “interrompem o insuportável ruído” de uma cultura patriarcal num contexto de ocupação.

⁷ Os palestinianos que vivem dentro de Israel sofrem com as políticas racistas israelitas, que tratam as pessoas de origem palestina como cidadãs e cidadãos de segunda classe. Apesar de terem nacionalidade israelita, são sistematicamente interpeladas, sem usufruírem de direitos civis e jurídicos iguais.

⁸ Agradecemos aos nossos convidados e convidadas: Adriana Bebiano, professora universitária e coordenadora dos programas em Estudos Feministas; Elsa Sertório, realizadora, autora e ativista em assuntos palestinianos; Frederica Jordão, antropóloga; José Manuel Pureza, professor universitário, ex-deputado, que, no seu mandato, foi particularmente ativo na questão palestina; Manuela Góis, ativista feminista; Mihaela Mihai, investigadora em ciências políticas; Olímpia Pinto, ativista feminista; Patrícia Fonseca, jornalista, que visitou várias vezes a Palestina, tendo escrito frequentemente sobre a situação deste povo; Teresa Cunha, investigadora empenhada em questões feministas.

Os outros três estudos incidem sobre representações cinematográficas de mulheres palestinianas em filmes de realizadores homens. Fabrice Schurmans, na análise da figura feminina de *Intervenção divina* (2002) como alegoria da luta palestiniana, socorre-se dos estudos pós-coloniais para refletir sobre a representação cinematográfica do que descreve como sendo uma situação colonial. Os textos de Leah Soroko e de Júlia Garraio, sobre dois filmes israelitas – *Lemon Tree* (2008) e *Strangers* (2007), respetivamente – poderão causar alguma perplexidade num volume cujas organizadoras apoiam o movimento de boicote, desinvestimento e sanções (BDS) contra Israel.⁹ Se, no caso de *Lemon Tree*, estamos perante um guião de uma escritora palestiniana com cidadania israelita, o que “complica” a identidade do filme, com *Strangers* estamos inequivocamente perante um produto cultural israelita sem qualquer participação palestiniana. Além disso, trata-se de um filme que reproduz paradigmaticamente um discurso orientalista da mulher árabe como vítima da sua própria cultura, o que poderá remetê-lo para o conjunto de filmes que servem a propaganda israelita. Na Europa em geral, como em Portugal, as imagens sobre o povo palestiniano, são produzidas por “outros”, muitas vezes em sintonia com a voz do ocupante. A nossa opção deveu-se à convicção da necessidade de debater estes filmes a partir de um olhar crítico, algo que apoia tanto o objetivo do BDS como resiste às imagens impostas às mulheres palestinianas.

Numa altura em que já se faziam sentir os sinais da austeridade que tanto têm afetado a vida cultural de Portugal, o ciclo de cinema na origem deste número apenas foi possível graças à ajuda de várias instituições que nos deram o apoio logístico (o Centro de Estudos Sociais, a Fila K, o Centro de Intervenção e Cultura Feminista - UMAR), bem como de realizadores, realizadoras e entidades detentores dos direitos de autor, que, em alguns casos, prescindiram de honorários ou cobraram valores simbólicos. Contámos igualmente com a ajuda do Centro de Documentación Cine Palestino, em Madrid, que prontamente nos facultou algumas cópias.¹⁰ Por fim, Zein Qattan, que apoiou generosamente o ciclo. A todas estas pessoas e instituições o nosso obrigada.

Acreditamos numa causa palestiniana e feminista que aconteça também nos ecrãs do cinema. O ciclo, tal como este número da *e-cadernos ces*, “Reflexões sobre mulheres palestinianas e cinema”, é para nós sobretudo um ato político. É um desafio

⁹ Esta campanha mundial (BDS) está em curso desde 2005 e pretende isolar Israel, sendo inspirada na campanha contra o apartheid na África do Sul (para mais informações veja-se <http://www.bdsmovement.net/>).

¹⁰ O Centro de Documentación Cine Palestino (<http://cinepalestino.com/>) é uma iniciativa única no contexto da Península Ibérica. Para além da organização de mostras do cinema palestiniano, conta com publicações, traduções, informações diversas disponíveis *online* e um arquivo de cinema palestiniano.

para ver e ler estas mulheres através do seu próprio olhar. No fundo, trata-se de um convite para usar connosco e com elas a lanterna mágica chamada cinema palestino.

Shahd Wadi e Júlia Garraio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Masri, Mai (2008), “Transcending Boundaries”, *This Week in Palestine*, n.º 117, janeiro de 2008. Consultado a 15.05.2015, em <http://archive.thisweekinpalestine.com/details.php?id=2351&ed=149&edid=149>.
- Pappe, Ilan (2011), *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneworld Publications.
- Sa’di, Ahmad H.; Abu-Lughod, Lila (2007), *Nakba. Palestine, 1948, and the Claims of Memory*. New York: Columbia University Press.
- Schulz, Helena Lindholm (2003), *The Palestinian Diaspora. Formation of Identities and Politics of Homeland*. London: Routledge.